

“A CASA ESTÁ PELADA!” I ENCONTRO DE GESTORES DE ACERVOS

HISTÓRICOS DE TÊXTEIS DOMÉSTICOS

THE HOME IS NAKED! 1ST CONFERENCE OF HISTORIC COLLECTIONS'

MANAGERS FROM DOMESTIC TEXTILES

Marize Malta¹

Ninguém poderia imaginar uma casa no século XIX sem uma profusão de tecidos, dos mais variados tipos, cores, materiais e estampas, transformados nos mais diversos artefatos para vestir janelas, pisos, móveis e conferir o ar de aconchego, tão peculiar à atmosfera doméstica oitocentista. Todavia, ao visitarmos museus casas ou casas históricas desse período no Brasil, verificamos, com surpresa, que as casas estão sem roupa!

Foi a partir desse fato, aliado à experiência com acervos de museus-casa, que Jurema Seckler, Diretora do Centro de Memória e Informação e Chefe do Museu Casa de Rui Barbosa, e Marize Malta, professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, parceira de pesquisa, foram motivadas a propor o *I Encontro de Gestores de Acervos Históricos de Têxteis Domésticos*, ocorrido no dia 16 de agosto de 2012, na Fundação Casa de Rui Barbosa. Ambas comentaram sobre a importância dos estudos que vêm se desenvolvendo relacionados à linha de pesquisa interdisciplinar “Museu Casa: espaço, memória e representações” na especialidade da pesquisa “Estudo de Ambientes e Acervos do Museu Casa de Rui Barbosa”. Destacaram o último trabalho, intitulado “Programa

¹ Marize Malta é arquiteta, mestre em História da Arte pela UFRJ, doutora em História Social pela UFF, professora adjunta na Escola de Belas Artes da UFRJ, atuando na graduação e na pós-graduação. Pesquisadora em arte, cultura visual e material referente ao século XIX e início do XX, com ênfase nas questões relacionadas a: intertextualidade; condição decorativa; colecionismo e ligação entre imagem, objeto e lugar. É líder do grupo de pesquisa Entresséculos: mudanças e continuidades nas artes no Brasil nos séculos XIX e XX e participa do grupo de pesquisa Museu-casa: memória, espaço e representações (linha de pesquisa Estudo de ambientes e acervos do Museu-Casa de Rui Barbosa) da Fundação Casa de Rui Barbosa. marizemalta@eba.ufrj.br

de renovação dos ambientes do Museu Casa de Rui Barbosa: artefatos têxteis”, empreendido por Luz Garcia Neira, bolsista orientada por ambas, de julho de 2010 a julho de 2012. De modo a balizar as especificações têxteis para vestir novamente o museu-casa de Rui Barbosa, com compromisso histórico, foi necessária uma extensa pesquisa sobre os têxteis oitocentistas. A pesquisa revelou enorme riqueza de conhecimento, até hoje muito pouco explorado pela História, bem como pela Museologia, especialmente no caso de museus casas em que a presença têxtil é inevitável e significativa.

Em virtude do pioneirismo do estudo, várias problemáticas se interpuseram na construção teórica e metodológica da questão do têxtil histórico empregado nas casas do passado. Um dos grandes desafios foi a de encontrar acervos têxteis que servissem de fonte primária para a pesquisa. Não temos informações quantitativas nem qualitativas sobre os têxteis domésticos do passado preservados em acervos. Sabemos que existem, no Brasil, alguns museus com artefatos têxteis, mas não sabemos dimensionar suas coleções, muito menos o que vem sendo empreendido para ampliar seu conhecimento e procedimentos de conservação. Sobre tecidos para trajes e a própria indumentária ou sobre têxteis eclesiásticos já há importantes núcleos de estudos, com pesquisas consolidadas, situação diferente dos tecidos que vestiam as casas. Frente a esse tipo de precariedade, foi proposto um encontro de trabalho, com fins de reconhecimento.

Os têxteis domésticos envolvem os têxteis de revestimento e sobreposição, geralmente tratados como tecidos de decoração e os tapetes, os de serviço, a chamada roupa branca e as alfaias, e os ornamentais, que lidam com quadros bordados, por exemplo. Os têxteis decorativos englobam produção industrial e artesanal, tanto frutos de serviços de tapeceiros quanto de habilidosas mãos de donas de casa, as quais desenvolviam uma infinidade de ‘paninhos’, que envolviam muitos materiais e variadas técnicas, como crochê e bordados. O universo têxtil usado na nossa domesticidade do passado era de grande riqueza técnica, estética, cultural e não se imaginava uma casa despida de têxteis. Sua importância no

cotidiano das casas e nas sociabilidades familiares precisa ser resgatada.

O encontro foi organizado a partir de duas palestras e duas mesas redondas compostas por representantes de museus, que relataram o perfil têxtil dos acervos sob sua gerência. A palestra de abertura, "Têxteis domésticos oitocentistas e suas histórias", proferida por Marize Malta, procurou apresentar uma arqueologia dos tecidos empregados em casas e do universo social e estético do têxtil na domesticidade oitocentista, em especial do Rio de Janeiro, no sentido de fazer notar o quanto as salas dos museus casas no Brasil estão peladas, se comparadas ao uso quantitativo, múltiplo e diversificado dos têxteis no século XIX. Encerrando o evento, a pesquisadora Luz Neira apresentou síntese da pesquisa realizada durante dois anos, com a palestra "Tecidos decorativos finisseculares: tipologias e usos", quando explicitou os artefatos têxteis usados em fins do século XIX, suas matérias-primas, processos técnicos e motivos decorativos, apresentando a ampla variedade de tecidos, modelos de cortinas, almofadas, os chamados paninhos, tapetes e toalhas de mesa, ratificando o amplo uso do têxtil no cotidiano das casas aburguesadas oitocentistas.

Compondo mesas-redondas, estiveram representantes do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), Museu Mariano Procópio (MMP), Fundação Eva Klabin (FEV), Museu Imperial (MI), Solar da Baronesa de Pelotas (SBP), Museu Histórico Nacional (MHN), Museu Casa da Hera (MHC), Museu da República (MR), cada qual expondo seu acervo têxtil e as condições de conservação e de estudo em que se encontram. Diante do desgaste natural dos tecidos, verificou-se a prática que se tornou corrente ao longo de décadas nos museus brasileiros, a da troca das forrações dos móveis de assento e cortinas sem que necessariamente houvesse uma substituição com materiais, texturas e caimentos similares, nem um registro sistemático dos fundamentos que permearam as substituições.

Dentre as peças comentadas, mesmo em quantidade pequena frente aos acervos estrangeiros, muitas se encontram em reserva técnica e ainda não atraíram pesquisas significativas que permitissem melhor qualificar sua

historicidade. Em meio a depoimentos sobre as dificuldades de manuseio e conservação dos têxteis, foram destacadas: peças montadas com fragmentos de tecidos antigos e tapetes orientais (FEV); tapeçarias e toalhas de mesa (MHN), almofada com inscrição “offert à maman” (MMP); colchas em seda, lençóis e fronhas monogramados, paninho bordado pela princesa Isabel (MI); veludo impresso e tapeçarias (MCRB); capas de almofadas, cortinas e acessórios de cama, caixas forradas (SBP); tapetes e retalhos de estofamento (MCH); forração dos móveis (MR). Entre peças pesadas para revestimento, que envolviam tecelões e tapeceiros, rivalizavam os têxteis usados no dia a dia, repostos constantemente, como roupa de cama e mesa, com seus ornamentos delicados, muitas vezes empreendidos com amor e dedicação femininas, mostrando o quanto o universo têxtil doméstico envolve um universo complexo e rico de história.

Se o tema é ainda incipiente no Brasil, já está bastante consolidado nos países europeus e nos Estados Unidos. Os problemas enfrentados no Brasil por tantos museus casas, casas históricas e colecionadores que lidam com têxteis precisam de forma premente ser compartilhados, de modo a garantir a preservação dessa cultura material tão presente no cotidiano das pessoas e tão pouco compreendido do ponto vista histórico, cultural e artístico. Sabemos que a valorização é dependente do conhecimento. E o conhecimento tem o poder de transformar as pessoas.